

Lopes de Almeida (pp. 93-149) e “Alguns documentos de interesse para a história do Brasil”, de A. de Magalhães Basto (pp. 151-187).

Da *Vária*, destacamos: “Sobrado”, de Joseph M. Piel (pp. 191-199); “Presores-Bandeirantes”, de Torquato de Sousa Soares (pp. 201-207); “Jacob Jud”, do Prof. Serafim da Silva Neto (pp. 208-226). Na *Crônica* vêm ainda a saudação do Dr. Costa Pimpão ao nosso patricio Gilberto Freyre; as notícias da passagem, por Coimbra, da missão universitária paulista que recentemente esteve na Europa; nota sobre o doutoramento do Prof. Pedro Calmon, etc. Algumas críticas do Prof. Costa Pimpão (sobre obras de Augusto Magne, Clovis Monteiro e Alvaro Lins) enriquecem ainda o número VII da *Brasília*.

J. CRUZ COSTA.

BIBLOS. — Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, vol. XXVIII. Coimbra, 1952, 596 pp.

Este número da revista *Biblos* é muito rico de matéria e, por isso mesmo, difícil de resenhar. Abre-o um trabalho do Prof. Lopes de Almeida sobre uma carta do nosso patricio, o vicentino frei Gaspar da Madre de Deus, o “beijinho dos paulistas”, como o chamou Capistrano. A carta, longa elouvaminheira, é dirigida a Bernardo de Lorena e datada de 2 de março de 1792. Nela o beneditino faz referência à *Calçada do Lorena* — que ele acabara de percorrer — e a outros assuntos, todos de grande interesse para a história de São Paulo. Vai aqui um trecho da carta na qual frei Gaspar descreve a serra e o seu novo aspecto, depois dos trabalhos ali mandados executar por Bernardo de Lorena: “*Eu não tenho palavras com que me explique a este respeito, e só o faria bem com as que a Rainha de Sabá disse a Salomão depois de o ouvir. Muito me louvavam esta obra (a Calçada) e eu pensava que os relatores falavam hiperbolicamente; mas, depois de ter subido a serra, e de tudo haver examinado com muita atenção, estou persuadido que foram diminutos os elogios, e outrossim, que a sabedoria de V. Exa. é maior e suas obras mais perfeitas do que se diz geralmente. Desculpa merece a minha incredulidade preterita; por quanto, depois de se ter concertado a serra tres vezes no dilatado curso da minha vida, e sempre pelo mesmo estilo com pouca diferença, não devia eu esperar o que nunca passou pelo pensamento de pessoa alguma que se devia de ver. Se eu não tivera certeza de que me conduziam pelo caminho de São Paulo, não havia de acreditar que a serra é a mesma, por onde eu havia feito seis viagens. Os perigos em que me vi noutro tempo, causaram-me tal horror que ainda hoje se conservam vivas na minha memoria imagens de passo tão medonho. Uma montanha escabrosa, sumamente alcantilada, que se supunha ter ao menos uma legoa de alto, fazendo conta pelo tempo que se gastava em a subir com passos vagarosos, a que dava motivo a pessima qualidade da estrada: um caminho ou, para melhor dizer, uma caverna tortuosa, profunda e tão apertada que nos barrancos colaterais se viam sempre reguinhos abertos pelos cavaleiros, os quais não podiam transitar sem irem tocando com os estribos naqueles formidaveis paredes; caverna na qual permaneciam em todo tempo degraos de terra escorregadia, e alguns tão altos que às bestas era necessario vencê-los de salto, quando subiam e arrastando-se quando desciam; uma viela lodosa, quasi toda cheia de atoleiros que succediam uns aos outros com breves interpolições de terreno povoado de pedrinhas facilmente deslocaveis, que mortificavam os*

*viajantes de pé e constituíam aos animais em perigo evidente de escorregarem e, caindo, arrojarem os cavaleiros e cargas, como sucedia muitas vezes; uma passagem rodeada de despenhadeiros que obrigava aos caminhantes a irem com muito tento para não se precipitarem. Enfim, um passo laborosissimo, uma série continua de perigos, foi a serra noutro tempo. E agora que é? Uma ladeira espaçosa, calçada de pedras, por onde se sobe com pouca fadiga e se desce com segurança. Evitou-se a aspereza do caminho com engenhosos rodeios e com muros fabricados junto aos despenhadeiros, se desvaneceu a contingencia de algum precipicio. Por meio de canais se preveniu o estrago que costumavam fazer as enchurradas e foram abatidas arvores que impediam o ingresso do sol, para se conservar a estrada sempre enxuta, na qual, em consequencia destes beneficios, já não se vêem atoleiros, não há lama, acabaram aqueles degraos terríveis. Numa palavra, descobri a serra e tenho por certo que os Vasconcelos, os Basílios, eu e todos quantos a descreveram, havemos de ser reputados mentirosos por quem ler as nossas Historias, depois de ver a serra no estado em que ela agora se acha. E que gosto não é o meu, quando me considero desmentido deste modo! Eu desejara, não para abonar a minha veracidade mas para se formar ideia justa desta grande obra, que junto ao caminho reformado, se conservasse sempre o antigo. Nem o contraste mais perito hade conhecer os verdadeiros quilates do beneficio ordenado por V. Exa., sem combinar o estado atual da serra com o preterito. Deste paralelo é que resulta gloria indizível ao Autor do concerto. Sim, gloria indizível, e por razões mais solidas do que a devida a Anibal por fazer tratavel o caminho dos Alpes, manobra com que ele espantou todo o mundo e conseguiu aplausos até dos romanos que desejavam beber-lhe o sangue...* (pp. 17-19).

É digno de nota também o longo estudo do Sr. José Sebastião da Silva Dias "Portugal e a Cultura Européia" (pp. 203-498), ao qual oportunamente voltaremos e que assim conclui: "não há mais lugar para duas lendas importantes da nossa História: uma, a que figura a cultura escolástica parada nos conceitos do Curso Conimbricense, sem ulteriores progressos de caráter doutrinal ou mesmo científico; outra, a que pinta a renovação da cultura portuguesa como feito de Pombal, quando, na verdade, ela é independente do célebre ministro josefino e data, mesmo, de época anterior ao livro de Vernei. Pombal não fez mais do que acelerar e, em parte, envenenar um movimento que vinha de longe e que, na altura das suas primeiras reformas, já se tornava incoercível." (p. 461).

Além destes trabalhos, há que referir ainda neste número de *Biblos*, os do Prof. Moreira de Sá "A Carta de Bruges do Infante D. Pedro" (pp. 33-54); do Sr. Antônio Dias Miguel, "Contrato celebrado entre André de Gouveia, João Gélida e os magistrados municipais de Bordéus" (pp. 55-63); de J. M. Bairrão Oleiro, "Novos elementos para a história de *Aeminium*" (pp. 65-82); de Jacinto do Prado Coelho "Motivos e Caminhos do Lirismo Camoniano" (pp. 83-99); de Émile Planchard, "Problemas de seleção e de orientação no limiar da Universidade" (pp. 101-138), um inédito de Oliveira Martins, "A teoria do mosarabismo de Teófilo Braga" (pp. 139-177), com nota explicativa do Prof. Costa Pimpão; e de Jorge Dias, "Nótulas de Etnografia Madeirense" (pp. 179-201). Da Bibliografia, salientamos a nota crítica de Luiz Ferraud de Almeida sobre a obra "*Alexandre de Gusmão e o tratado de Madrid*" (documentos organizados e anotados), por Jaime Cortezão (ed. do Instituto Rio Branco, Rio de Janeiro, 1951) que completa, de certo modo, a leitura do trabalho organizado pelo Dr. Cortezão. Rica é

ainda a parte de bibliografia crítica mas, infelizmente, não dispomos de mais espaço para mais longos comentários.

J. CRUZ COSTA.

MATOS (Luiz de). — *Les Portugais à l'Université de Paris entre 1500 et 1550*. Universitatis Conimbrigensis Studia ac Regenta, Coimbra, 1950, 245 pp.

O livro do Sr. Luiz de Matos, *Les Portugais à l'Université de Paris entre 1500 et 1550* é uma importante contribuição para o estudo da história do Humanismo em Portugal. A Renascença — a “época mais viva e mais atraente da história” deste país, como diz o Autor — apresenta também para nós, brasileiros, alto interesse, pois cumpre que nos informemos, cada vez mais, e melhor, sobre a verdadeira situação de Portugal no século XVI, para que melhor possamos compreender a aventura da colonização empreendida pelos portugueses nesta parte da América.

O livro do Sr. Luiz de Matos é um longo repertório de informações, aliás excelentes, sobre os bolseiros que de Portugal eram enviados a Paris, desde a criação destas bolsas, ao tempo de D. Sancho I, por volta de 1192, com o fito de melhorar a cultura do clero. E', porém, a partir do século XVI que ocorre maior número de bolseiros à célebre Sorbonne. Isto dá-se por obra do famoso Diogo de Gouveia, o Velho que, provavelmente, em 1527, assumiu a direção do Colégio de Santa Bárbara, em Paris.

No capítulo II do seu livro, o Autor estuda precisamente o papel de Diogo de Gouveia e as razões do interesse de D. João III pela cultura. A grande ambição deste rei consistia, escreve o Autor, em “convertir à la foi chrétienne tant de nouvelles régions récemment conquises en Afrique, aux Indes et au Brésil. Il lui fallait donc des missionnaires et il ne cessera jamais de tout mettre en oeuvre pour se les procurer. Il entendait procéder à la conquête des âmes en même temps qu'à celle des territoires” (p. 33). A intenção de formar um corpo de teólogos seduzia, diz o Autor, aquele espírito impregnado de profundo sentimento religioso. Gouveia, por sua vez, está retratado nos termos de uma carta que o Prof. Marcel Bataillon publicou no seu interessantíssimo trabalho, *Études sur le Portugal au temps de l'humanisme*, cujos dizeres são os seguintes: “Quanto aos seus collegiaes, que qua chamam bolseiros, crea Vossa Alteza que tem ganhado mais nome he gloria que em tomar Feez: o qual eu spero que muyto cedo tome porque já dous dos meus desejos que neste mundo desejei sam compridos: *scilicet* ser doutor de Paris e ver uma fundaçam de theologos portugueses nelle. O terceiro que he pregar e dizer missa na miszquita de Feez, spero que Nosso Senhor m'o mostre” (cit. pelo Autor, in Marcel Bataillon, *ob. cit.*, p. 77, nota).

Mas, o escrúpulo religioso não teria impedido que D. João III enviasse bolseiros a Paris, onde a propaganda luterana fazia, dia a dia, maiores progressos? Não, porque a “Sorbenne devient de bonne heure la forteresse de l'Eglise. Dès janvier 1513 le Concile de Pise soumet à son examen un ouvrage de Cajetan, dont elle va s'occuper bientôt en même temps que d'autres livres suspects, comme le *Speculum oculare* de Jean Rauchlin, et em 1520, à la demande du duc de Saxe, elle commence a surveiller les doctrines